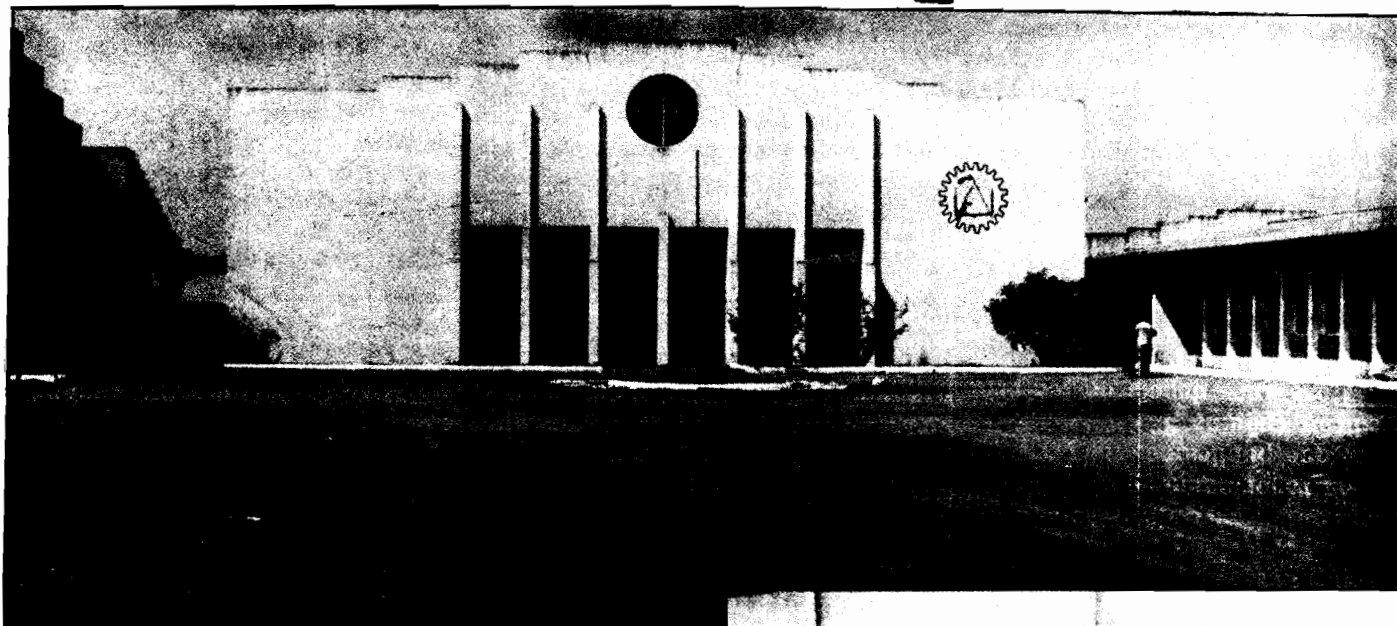


Instituto Agrário de Chimoio

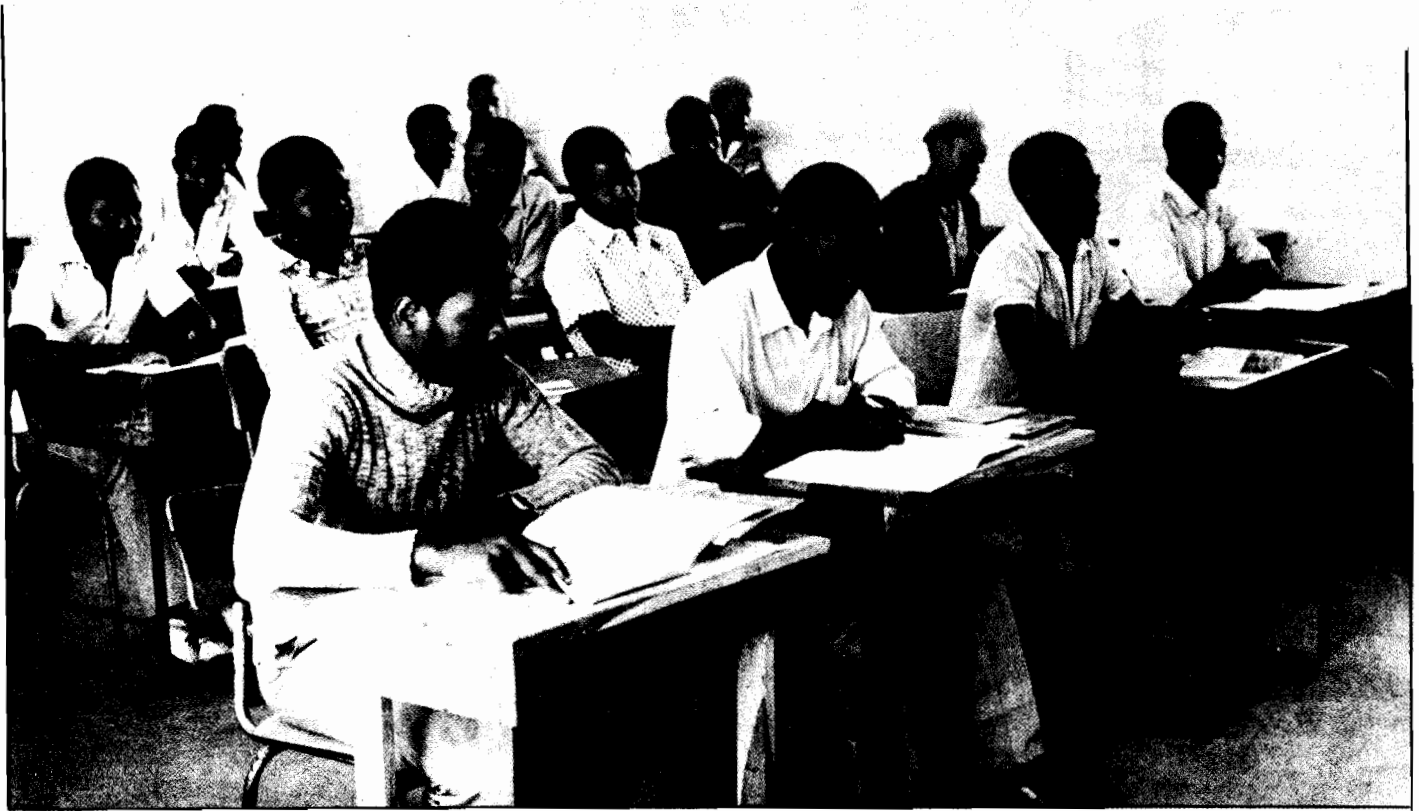
A bonança depois da tempestade



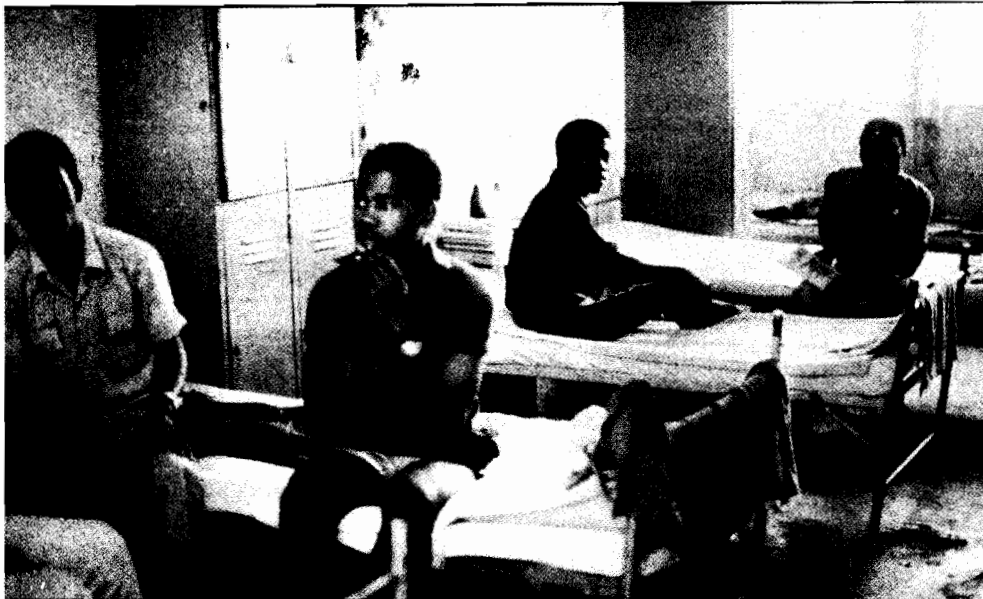
**TEXTO DE FERNANDO MANUEL
FOTOS DE JAIME MACAMO**

Em 1968 começava a funcionar, nos arredores de Chimoio, a Escola de Regentes Agrícolas Dr. José Araújo de Lacerda, instalada num terreno com pouco mais de mil hectares. Esta área está hoje triplificada e a designação do centro passou para Instituto Agrário de Chimoio, única instituição do género no país. Após um período de «crise» que o abalou profundamente no fim da década de 70, o IAC parece agora apostado em atingir um estágio de estabilidade testemunhável nas realizações em curso, com vista ao cabal cumprimento da sua vocação, que continua a ser a formação de quadros médios de silvicultura, agricultura e pecuária.





«O nível de rendimento é bom, principalmente nas disciplinas técnicas», Rafael Uaiene, Director Adjunto Pedagógico



Aspecto parcial de uma camarata: «O problema do alojamento está minimamente resolvido.»

Instituto Agrário de Chimoio recebe os alunos provenientes das escolas agrárias espalhadas pelo território nacional, donde trazem o nível médio. Até agora, foram aqui formados «mais de 500 técnicos» nas diversas especialidades, desde 1977.

De acordo com dados fornecidos por Rafael Nemba Uaiene, Engenheiro Agrônomo, Director Adjunto Pedagógico e professor, o centro conta este ano com 296 alunos, mais de metade dos quais no primeiro ano. Findo o ano lectivo, parte dos finalistas que concluem com aproveitamento permanecerão no Instituto, de acordo com a introdução, em 1979, de um curso intensivo de formação de professores cuja finalidade é justamente suprir as necessidades aqui sentidas. Isto, no entanto, é o que se pode chamar uma solução de recurso.

Sendo uma instituição de formação de quadros médios, o IAC devia, com efeito, e segundo nos explicaria Rafael Uaiene, ter o seu corpo de professores constituído pelos de nível superior. Actualmente, este conta no entanto com apenas dois engenheiros — um agrônomo e outro de engenharia florestal — e dois bacharéis num quadro total de 27 professores.

A distribuição dos males que

O Instituto Agrário de Chimoio funciona numa extensa área de cerca de 4000 hectares, a pouco menos de quinze quilómetros de Chimoio, capital da província de Manica. O que são agora os domínios do IAC resultaram de uma fusão com herdades vizinhas exploradas, até ao limiar da independência, por agricultores privados — um português, um sul-africano e dois alemães, no que seria o culminar de uma odisseia iniciada no ano de 1963 com a compra

da herdade do Tembe, onde se montou a escola, pelo então governo de Moçambique colonial.

O instituto, no entanto, ocupa uma ínfima parte de toda esta área, maioritariamente utilizada pela empresa de produção a ele anexa. Da sua vocação, consta primordialmente a formação de quadros em silvicultura, agricultura, pecuária e mecanização agrícola, em cursos cuja duração é de três anos. Única instituição de ensino do género a seu nível no país, o

advêm desta situação não é porém equitativa, pois «há cursos que se ressentem mais desta situação» segundo o director pedagógico, que cita de entre estes o da mecanização agrícola. Nesta especialidade, os problemas são ainda agravados pela falta de livros e pelo facto de o material informativo escrito existente ser de pouca utilidade: «Carece de tradução» pois está em língua russa e «não conseguimos até agora encontrar alguém que a fizesse».

Alargando um pouco mais a análise, Rafael Uaiene adiantaria que, pondo de parte as disciplinas técnicas, onde se registam também

problemas mais graves de aproveitamento é nas disciplinas básicas comuns aos normais cursos do ensino secundário, que são ministradas no primeiro ano — excepção feita à matemática e português, que integram o currículo até ao fim. O nível de reprovações causadas no primeiro ano em conexão com aquelas disciplinas é tão grande que «normalmente, depois de o aluno fazer o primeiro ano considera-se com o curso feito».

NOVOS RUMOS

A percentagem de aproveitamento, neste quadro, do ano em causa

em 1985 situou-se entre os quarenta e cinquenta por cento. No segundo e terceiro anos, esta percentagem sobe para os oitenta ou noventa por cento, sendo que as estimativas para o presente ano lectivo apontam para a graduação de mais 64 quadros, dos 69 finalistas.

Se isto se pode considerar um índice positivo, o certo é que se entende que os níveis de rendimento poderiam ser ainda melhores, não o sendo por razões de ordem diversa que, persistindo, entravam o ideal andamento dos programas estabelecidos. Orlando Rafael, Director do IAC, cita nomeadamente a sofrível qualidade da ementa a que os alunos estão sujeitos — «a base é a farinha, couve e ovo» — e os inconvenientes causados pela falta de vestuário, dado que o problema de alojamento se considera «minimamente resolvido».

No que à alimentação concerne, a questão é que «sobrevivemos à nossa custa», o que não possibilita a aquisição de outros produtos necessários à diversificação, que deviam ser fornecidos de fora. De qualquer das formas, foi-nos manifestada a consciência de que mesmo os recursos locais poderiam significar um desafogo maior, que até ao momento não foi possível alcançar devido a uma exploração deficiente dos cerca de três mil hectares e meio da empresa.

Bastaria, para tanto, reparar



Em cima:
Galinhas poedeiras:
uma produção
média de 25 cartões
de ovos por dia
«para consumo
interno»



A direita:
Parte dos 1355
pintos, que
beneficiam de um
sistema de
aquecimento a
carvão: «A
mortalidade é
mínima»

que daquela área apenas 1500 hectares estão sendo aproveitados para a produção agrícola, — hortícolas — no que mesmo assim mil hectares estão ocupados pela exploração florestal. Datam de 1980 para cá os esforços iniciados de forma conseqüente para a montagem de uma gestão correcta desta empresa com vista à sua rentabilização, esforços no quadro dos quais se nomeou um director, em actividade desde meados do ano passado.

De acordo com este, a tarefa de que está acometido terá os seus resultados grandemente condicionados por factores como sejam o estado actual do equipamento — «está todo velho» — e a obtenção de factores diversos de produção. São problemas cuja resolução exige que «nos movimentos» como o afirmaria Orlando Rafael, que ainda este ano teve que voar para Maputo a fim de desencantar uma partida de óleos e combustível. Assim é que foi possível, por exemplo, preparar os oitenta hectares que até finais de Setembro estavam à espera de milho.

O facto, no entanto, de este ano



Orlando Rafael, Director: no passado, por inexperiência, «foram cometidos alguns erros»

se ter podido preparar tal área para o milho, é visto como um feliz indicativo, dado que nos anos anteriores conceber o feito só era possível como projecto. «Foram cometidos muitos erros de gestão»

explica Orlando Rafael, para quem o facto se deve largamente à inexistência de pessoas com experiência: «Todos nós saímos da escola e vínhamos para aqui». Para a solução disto, que aliás parece estar a delinear-se, muito se conta com o concurso do recém-nomeado director da Empresa Agrícola do IAC, Luís Dario, que até à sua nomeação estava à frente dos destinos da Escola Agrária da Namaacha.

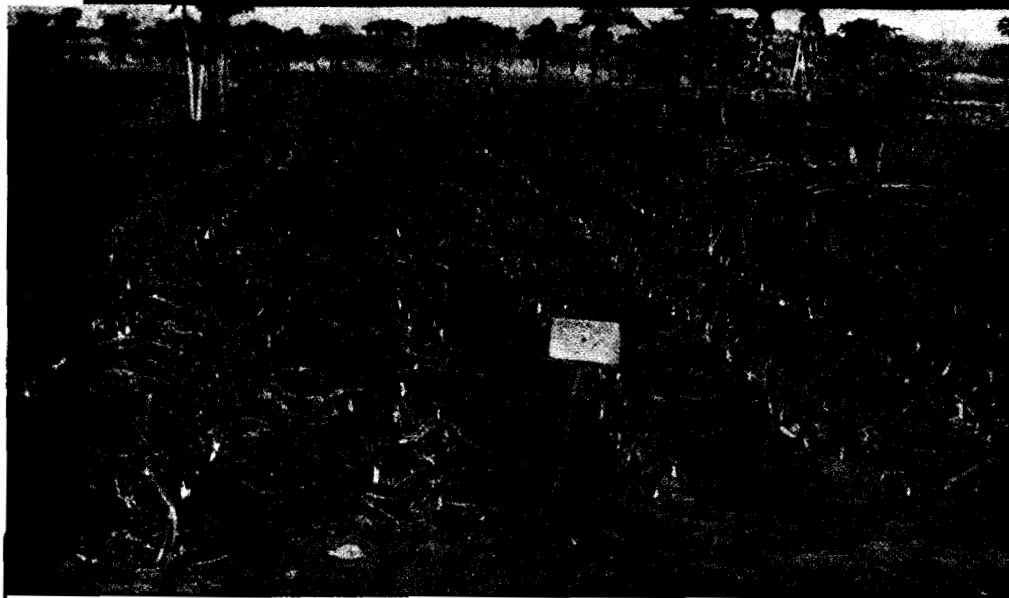
EVOLUÇÃO POSITIVA

A ser assim, o Instituto Agrário de Chimoio estará a completar um longo ciclo de estabilização iniciado em 1980 na sequência de uma visita do Ministro da Educação, após uma crise «profunda e dolorosa» que se acentuara em 1979. Como causa principal desta crise, um pequeno caderno em que se condensam os principais aspectos da história do centro — criado em 1968 — aponta o facto de os alunos terem entretanto deixado de «ser provenientes das cidades» para o ser do campo.

Das «diferenças do tipo e capa-



A falta de ração tem comprometido a criação animal, mormente de patos e porcos



Produção de hortícolas: «O facto é que temos uma empresa mas não somos auto-suficientes»

cidade de análise» assim acentuadas entre os alunos, caminhou-se rapidamente para uma «crise de direcção», à criação de um fosso entre esta e os estudantes no extremo dos quais se registaram «consequências graves e inesquecíveis» para a escola.

A situação parece agora definitivamente ultrapassada, alicerçando a opinião dos membros da actual direcção — nomeada em 1980 — de que «houve uma grande evolução» no sentido de uma estabilização mais duradoira.

O melhor exemplo que se dá é a considerável recuperação dos índices de aproveitamento entre os alunos. Isto e a paulatina retomada do controlo na produção animal, que se está a relançar com gado bovino, caprino e suíno, o que virá na esteira dos resultados que se estão já a conseguir na produção de patos e galinhas.

No respeitante aos patos, a sua criação dispõe de boas condições de instalação, estando o seu incremento apenas a ser dificulta-

do «por falta de ração»; o centro conta actualmente com 1355 pintos, com uma taxa de mortalidade muito baixa — «é o sector que menos prejuízos nos dá» — e 1372 galinhas poedeiras, que fornecem uma média de 25 cartões de ovos por dia, «para consumo interno».

Proximamente, esta actividade será complementada pela diversificação, no quadro da qual avança um projecto apícola cujos resultados começam já a ser visíveis. Soubemos, por outro lado, junto da Direcção Provincial de Educação em Manica, da existência de um plano que visa uma participação mais efectiva dos alunos no trabalho prático agrícola e pecuário, o que, até agora, no caso do IAC, está a ser garantido pelos cerca de 300 trabalhadores de que a empresa dispõe.

Todo este esforço resultará, naturalmente, e como nos foi afiançado, no cumprimento mais efectivo da vocação do centro que, sendo o único, fornece quase que pela totalidade os quadros agro-peco-silvícolas que na Universidade Eduardo Mondlane procuram a licenciatura no ramo. □